

LITERATURA INFANTIL UMA ESTRATÉGIA PARA A VALORIZAÇÃO DA PLURALIDADE CULTURAL

CHILDREN'S LITERATURE A STRATEGY FOR THE VALUATION OF CULTURAL PLURALITY

Leila da Silva¹
Lúcia Schneider Hardt²

RESUMO: A Pluralidade Cultural é um tema transversal, que faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais e atualmente é apresentado na Base Nacional Comum Curricular. O educador deve procurar estratégias para promover uma aprendizagem que busca compreender a realidade vivida pelos educandos, proporcionando-lhes momentos de sistematização e associação, fazendo com que os recursos utilizados em suas práticas educativas orientem os alunos para a vida em sociedade. Dessa forma, a leitura que anteriormente, não lhes faziam sentido, passam a ter significado. Portanto, este artigo tem por objetivo analisar as contribuições realizadas pela literatura infantil na valorização da Pluralidade Cultural identificando em outra perspectiva eventuais hábitos estereotipados, nos livros para crianças. Os dados foram coletados através de uma pesquisa bibliográfica, e uma análise qualitativa, identificando os livros infantis que fazem alusão a pluralidade cultural de um Centro de Educação Infantil de Brusque-SC.

Palavras-chave: Pluralidade Cultural. Livros para crianças. Educação Infantil.

ABSTRACT: *Cultural Plurality is a cross-cutting theme, which is part of the National Curricular Parameters and is currently presented at the National Curricular Common Base. The educator should seek strategies to promote a learning that seeks to understand the reality lived by the students, providing them with moments of systematization and association, making the resources used in their educational practices to guide students to life in society. In this way, the reading that previously did not make sense to them, come to have meaning. Therefore, this article aims to analyze the contributions made by children's literature in the valuation of Cultural Plurality identifying stereotyped habits in children's books. The data were collected through a bibliographical research, and a qualitative analysis, identifying the children's books that allusion the cultural plurality of a Center for Early Childhood Education in Brusque-SC.*

Keywords: *Cultural Plurality. Literature for children. Child Education.*

¹ Acadêmica do curso de Pós-Graduação em Educação da UNIFEBE. *E-mail:* leila10silva@gmail.com

² Professora orientadora. Doutora. *E-mail:* luciashardt@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Pluralidade Cultural é um dos temas transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e que é dialogado frequentemente nas formações sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Deste modo pode-se afirmar que é indispensável a abordagem do tema nas escolas, começando pela Educação Infantil. É na escola que o sujeito pode melhorar a visão que tem sobre si, e sobre os outros, da problemática sobre o preconceito, e não se deixar levar por modelos estereotipados.

Diante do exposto, buscou-se abordar questões relacionadas a literatura infantil e como ela está envolvida nas práticas dos professores, usando os livros como estratégia para trabalhar a pluralidade cultural, e contextualizar a importância de dialogar sobre o tema nas escolas.

Por isso, ao olhar com atenção, percebe-se como a diversidade está presente no cotidiano escolar, e como os professores têm dificuldade em compreender de que maneira os livros que eles leem, podem influenciar na formação das crianças desde cedo. Porém, não é comum ver nas escolas acesso a literatura que considera a quebra dos estereótipos, por causa disso, um grande número de crianças não se identifica com as histórias contadas ou narradas pelos professores. É desafiador trabalhar temas como a Pluralidade cultural, principalmente quando a envolvemos com a área da literatura.

Foram realizadas observações dos livros para crianças, dispostos no acervo de um Centro de Educação Infantil de Brusque-SC, para identificar se há exemplares que apresentam outras culturas, negros como personagens principais e características relevantes à Pluralidade cultural. Foi realizada uma análise dos PCNs e na BNCC, como um referencial motivador para a pesquisa. A Pluralidade Cultural dentro dos Temas Transversais quando interpretada e aplicada de maneira adequada potencializa a reflexão crítica sobre os problemas que surgem das diferenças das inúmeras culturas.

Portanto, a relevância científica deste estudo, foi compreender como as professoras de um Centro de Educação Infantil de Brusque-SC usam como estratégia os livros de literatura infantil nas suas práticas de ensino sobre a Pluralidade Cultural, considerando a escassez de livros de literatura para crianças que saem dos padrões

estereotipados, aplicando uma análise qualitativa, e utilizando as referências já editadas sobre o tema por outros autores.

2 A LITERATURA INFANTIL

A noção de criança se altera com o tempo, Lajolo (2000) diz que a criança do qual falava Rousseau não é a mesma para qual escrevia Perrault, diferentemente daquela criança para qual Collodi escreveu Pinocchio. Heywood (2004, p.13) afirma que: A fascinação pelos anos da infância, é um fenômeno relativamente recente”. Isso fez com que o conceito de infância sofresse alterações significativas ao longo da história. Esta construção histórica que cerca a noção de criança, faz com que por volta do século XIX, os primeiros livros brasileiros destinados as crianças começam a aparecer, contabilizando até hoje mais de cem anos de literatura infantil no Brasil (ZILBERMAN 2005).

Retomar a noção de infância diante da historicidade que ela traduz implica em perceber que o conceito de criança que, os educadores de cada época assumiam pode não ter nada a ver com as crianças da vida real, o que caracteriza esses educadores é o alcance dos resultados esperados, o que de fato queriam produzir e divulgar. Diante desse conceito equivocado procurou-se por meio das imagens da literatura brasileira relacionada a criança, adaptá-la a uma modalidade cultural (LAJOLO, 2000).

É ao final do século XIX, que começam a aparecer os livros para crianças, e a serem escritos e publicados por brasileiros. Havia a necessidade de introduzir um novo gênero, para um novo público que estava se formando. Essa busca era por leitores em fase inicial, ainda pequenos, pois, era necessário apresentar um produto original, não muito diferente do que o mercado já produzia, mas que pudesse contar com a simpatia e adesão de muitos. A mudança de regime político fez com que o aparecimento dos primeiros livros infantis se “incorpora-se a esse processo porque atende as solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente” (ZILBERMAN, 2005, p. 15).

Segundo a autora supracitada na literatura brasileira foi Monteiro Lobato o primeiro autor a se preocupar com as crianças, dando voz a seus personagens ressaltando as características infantis como a teimosia, a curiosidade, a criatividade e a imaginação.

Destacou que é necessário compreender o mundo infantil, olhando para ele com olhar de criança. Dentro desse parâmetro de adaptação, a literatura infantil passou a ser uma construção social, a fazer parte da vida das crianças (ZILBERMAN, 2005).

A construção da criança durante a história como categoria social, constituído e atribuído ao processo de mudanças políticas pelo mundo, principalmente na Europa, era um modo de ser compatível com aquilo que a sociedade estava preparada para oferecer seguindo princípios morais e éticos da época, e ao mesmo tempo o que se esperava dele. Neste caso era inevitável a homogeneização dos indivíduos, reunidos em espaços coletivos como a escola, que procurava desenvolver uma aprendizagem centrada nos padrões predeterminados. A literatura infantil mais antiga era considerada conservadora, por produzir comportamentos e atitudes de passividade nos pequenos. Porém ainda hoje Lajolo (2000, p.28) diz que: “continuam cumprindo com a função para a qual existem: traçar, consolidar, matizar e redefinir o roteiro pelo qual se pauta a construção do imaginário dos valores, dos comportamentos, dos sentimentos e atitudes que definem esta ou aquela faixa etária”.

Porém a literatura pode ser vista como uma estratégia, para auxiliar os educadores no processo de ensino aprendizagem. Procura atuar de forma sutil na difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, tornando-se um fator importante na imagem que circula sobre o olhar da criança. Recorrer a literatura infantil é essencial para que de uma forma agradável se possa mostrar para as crianças que, pode ser bom aprender com as diferenças, acreditar no poder de transformação, preparando os cidadãos para a vida. Gregorin (2009, p.137) deixa claro sua posição sobre a literatura citando o seguinte, “acredito que poderemos realmente levar muitas crianças a ampliar e educar seus olhares para a literatura, e para a arte, a se transformarem em leitores plurais e conseqüentemente em cidadãos preparados para a vida em sociedade”.

A criança à medida que se desenvolve deve aprender a se entender melhor, principalmente quando começam a frequentar a escola, para que possam compreender os outros, e assim, poder se relacionar com eles, trocar experiências e conseguir se comunicar dentro da sociedade em que vivem de forma satisfatória e significativa. Para que isso aconteça deve-se transcender os limites do “eu”. As emoções, o intelecto e a

imaginação devem caminhar no mesmo processo, para constituir o enriquecimento cognitivo e social para compartilhar experiências com o coletivo. Essas experiências na fase da infância são capazes de promover a capacidade das crianças em dar sentido à vida (BETTELHEIM, 1980).

Para que as crianças consigam entender melhor o que acontece ao seu redor os pais e professores se tornam agentes de grande impacto em suas vidas, seguidos da herança cultural quando transmitida a criança de maneira desvinculada de pré-conceitos. Segundo Bettelheim (1980, p.12), “quando as crianças são novas é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação”. Partindo disso, é notório a insatisfação com a literatura infantil, pois, ela não consegue estimular a criança a lidar com seus conflitos interiores, e ainda colabora para que elas não consigam identificar características físicas semelhantes as suas naqueles personagens, dependendo da escolha do livro feita pelo professor, podem parecer superficiais, trazendo poucos significados.

A leitura dos livros infantis, deve prender a atenção de quem está lendo ou ouvindo, deve entreter, despertar a curiosidade, ajudar a desenvolver o intelecto das crianças, porque a vida é por vezes confusa e desconexa para elas. A literatura infantil deve enriquecer e satisfazer a busca por respostas, para que possam aprender sobre os problemas interiores e também ajudá-las a procurar as soluções dentro da sociedade em que vivem, provavelmente aprenderão a enfrentar as condições que lhes são impostas. Com a passagem do tempo, a literatura também é cercada de mudanças. Apesar da literatura infantil ser um produto tardio da pedagogia escolar, ela só surgiu e foi necessária a partir do momento em que a sociedade necessitou dela, para expandir através da escola os seus interesses de cultivar os bons costumes e as lições de moral ela é agradavelmente aceita pelas crianças (LAJOLO, 2000).

Meireles (1994, p. 32) diz que: “a literatura não é como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição”. Na tentativa de nutrir as crianças com uma leitura que seja de aproximação, de respeito e de igualdade, buscou-se complementar a literatura infantil a época, a atualizá-la para que não se reproduza os mesmos equívocos do passado. Ao pensar nos livros infantis, os idealizamos como livros simples, fáceis e ao alcance das crianças, como se o mundo secreto da infância fosse na verdade, tão fácil, tão simples de ser desvendado. Porém, a intenção e a invenção são do adulto, mesmo que o livro

seja dirigido a criança, deve-se considerar a carga de consciência adulta que os livros infantis recebem, ressaltando a necessidade de verificar se não estão servindo de meio para ações cercadas de preconceito (MEIRELES, 1994).

Cavalcanti (2002, p.12) ainda ressalta que: “A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos”. A literatura infantil proporciona universos plurais com inúmeras possibilidades de encontros e desencontros, cercados de desafios, que apesar das mudanças, mexe com o imaginário das crianças, mesmo que cercada de padrões pré-estabelecidos.

2.1 A LEITURA PARA AS CRIANÇAS

A discussão sobre leitura principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais diretamente responsáveis pela iniciação a leitura devem ser bons leitores, um professor precisa gostar de ler precisa ler muito, precisa envolver-se com que lê. A importância da formação do educador é de extrema relevância para que ele possa livrar-se de todo preconceito, de toda atitude de preconceito existente nele. Esse modo de agir é necessário para que o educador possa mediar o encontro do livro com a criança. Por isso a importância da literatura infanto-juvenil no currículo do professor, para que ele saiba perceber o que as histórias estão realmente querendo repassar ou criar na mente das crianças (Lajolo, 2000).

A leitura permanece na memória das crianças, e o professor é fundamental para que os bons momentos que incluem a leitura regressem. Isso se fundamenta nas práticas de ensino, para que o desenvolvimento das crianças seja gerido com intuito de tornar leitores que saibam valorizar a cultura, que os livros possam falar a mesma linguagem da realidade em que a criança está inserida, não apenas adaptar os clássicos, pois isso não é suficiente, mas, aguçar a curiosidade tornando o livro um amigo capaz de ensinar, divertir e emocionar (ZILBERMAN, 2005).

Quando se fala em ler histórias para as crianças, percebe-se que essa tarefa não pode ser feita de qualquer jeito pelos professores, não devem pegar o primeiro livro que

encontram, e lê-lo sem estar familiarizado com o conteúdo em questão, e com o vocabulário expresso neles. Claro que pode contar qualquer história a criança, comprida, curta, antigas ou dos dias de hoje, de fantasmas ou contos de fada, desde que seja conhecida e analisada pelo professor (ABRAMOVICH, 1995).

Na educação infantil a leitura e a contação de histórias não podem se tornar ações metódicas, mas que elas possam ajudar a despertar o senso crítico, e a desenvolver o respeito conhecendo a realidade vivida por outras crianças e adultos, que aparentemente tem condições de vida, cultura e hábitos diferentes. Debus (2006, p.76) esclarece dizendo o seguinte: “A leitura oral e a contação de histórias são estratégias válidas desde que o professor diversifique a sua prática pedagógica”.

A leitura é uma prática que exterioriza enredos, ajudando as crianças a compreender melhor diferentes modos de viver, e a enfrentar os inúmeros desafios encontrados no cotidiano. Neste sentido, o professor pode desenvolver suas práticas colocando à disposição dos alunos meios diferentes de acesso à literatura, proporcionando um espaço de liberdade e imaginação, um espaço de reconhecimento, de integração despertando o interesse por novas descobertas (ROLINSKI; UJIIE, 2014).

Ler para uma criança é permitir a experimentação, é no contato desde cedo com os livros, que ela adquire o hábito e desenvolve o gosto pela leitura, é uma relação de contato ou seja, a criança necessita deste encontro, primeiro ela ouve as histórias para depois que alfabetizada possa fazer suas próprias escolhas. O adulto é o primeiro mediador desse momento.

2.2 A LITERATURA CARACTERIZADA POR ESTEREÓTIPOS

As crianças necessitam de uma educação que resgate valores como a solidariedade, a empatia e a tolerância, não através de conceitos que aparentam ser abstratos, mas, aquilo que lhe parece certo para a vida em sociedade. Os contos de fada durante muito tempo, foram recontados e passaram a usar expressões que seguem uma trajetória temporal definida e imutável, a transmitir significados manifestos e encobertos, o que permitiu a criança se distanciar dos acontecimentos apresentados pelo autor. Bettelheim (1980, p.14) diante do seu interesse pela literatura infantil enfatiza que: “a

leitura desses contos de fadas, num bem mais profundo que outros tipos de leitura começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional”.

O simbolismo ganha destaque na literatura infantil por desencadear nas crianças, uma mensagem intrínseca, essa marca simbólica vem da decorrência do texto em criar um ideal, de que a luta contra as dificuldades da vida é parte da existência humana, mas a superação depende exclusivamente do sujeito, dele não se intimidar, enfrentando de modo firme o que lhe deixa temeroso, dominando todos os obstáculos, alcançando ao fim, a vitória. Mas, nem sempre essa expectativa condiz com o que acontece na vida real, os finais por vezes, não são como nos contos de fadas. A cultura dominante no que se refere as crianças deseja fingir que o lado obscuro do homem não existe, e que elas devem aprimorar-se e serem otimistas, não que este pensamento seja inadequado, mas as crianças precisam enfrentar a realidade com a clareza dos acontecimentos, sabendo que nem tudo dará certo em suas vidas (BETTELHEIM, 1980).

Contrapondo essa questão percebe-se que as escolhas das crianças são baseadas não sobre o que é certo ou o que é errado, mas quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Certamente as crianças ficam atraídas pelos personagens que mais se destacam nos textos literários, nesse momento a mediação dos professores é necessária para que uma leitura ou narrativa não se perca, para que os pequenos saibam interpretar o momento, ampliar os referenciais, não se limitar a estereótipos, não enfocar o que a sociedade impõe, não reforçar os preconceitos, isso nos leva a romper com a sedução encoberta de padrões que não fazem parte do nosso país, afinal não estamos cercados de tanto requinte como costuma aparecer nos livros de histórias. Os livros podem ter um pouco de tudo, como pessoas que se contradizem o tempo todo, é assim, que acontece, e a visão que emerge de nós mesmos do outro e do mundo depende de cada situação vivida (ABRAMOVICH, 1995).

Os livros ilustrados são obras na qual a imagem é o que mais chama atenção das crianças, estimulam a percepção visual, fazendo com que elas se concentrem mais na contação das histórias, os desenhos dão harmonia, e auxiliam no entendimento e compreensão da narrativa. Hoje vemos por toda a parte livros infantis que nos enchem os olhos com suas cores brilhantes, atraindo ainda mais leitores que vibram, com figuras vistosas e que saltam dos livros para que tudo seja considerado novo, mas por vezes as

narrativas aparecem apenas desconfiguradas, pela redação ou pela apresentação. Haverá narrativas novas, outras atuais e originais, algumas até inspiradas naquelas que se conhece, porém é a criança que escolherá qual vai perdurar e as que elas vão incorporar e tomar para si (MEIRELES, 1984).

Corroborando com o que o autor citado anteriormente fala, Gagnebin (2011, p.80) completa que: “seu acabamento estético é a condição de sua significação” neste caso, as imagens figuras ou ilustrações presentes nos livros, vem mergulhadas de significação autônoma, isso quer dizer que, ela fala por si só, e consegue atingir a imaginação das crianças, muitas vezes de forma denotativa ou poética, podendo alicerçar pensamentos e provocar reações de desprezo, tristeza e angústia.

Para que as crianças consigam construir sentidos durante a leitura, é necessário tomar cuidado com os valores que serão transmitidos a estes pequenos, reavaliar os livros escolhidos, e cerca-los de alguns questionamentos como: quais as perspectivas que estarão associadas a essas leituras? Contribuem ou não para a promoção de estereótipos? Essas reflexões antes de cada leitura são um começo para mudar o pensamento de uma cultura padrão que permanece no interior de muitas pessoas. Não basta apenas acrescentar livros que falam da cultura de outros povos, que fala sobre personagens com alguma limitação física, mas há uma necessidade de incorporar as histórias e livrar-se de preconceitos preestabelecidos. “O livro infantil é antes de tudo uma obra literária, nem se deveria permitir que as crianças frequentassem obras insignificantes” (MEIRELES, 1984, p.123).

Por sua vez sabemos que a maioria das histórias infantis são caracterizadas por perfis estereotipados que seguem um padrão de beleza, de etnia ou enfatizam apenas um modo de viver, porém cabe e deve ao professor mostrar aos pequenos que negros também podem ter papéis de destaque na sociedade. A leitura deve ser entendida como uma prática que estimula o diálogo com a experiência, a qual deve ser compartilhada. Seguindo esse pensamento podemos dizer que é:

Através da leitura, nos relacionamos com a linguagem e atribuímos sentido à realidade das coisas – em suma, à vida. A literatura, pela forma como nos apresenta a linguagem, através de símbolos, também se coloca como uma experiência sensível de linguagem, que precisa ser vivificada por quem a lê, para que, dessa forma, possa se constituir como prática e conhecimento da vida dos leitores (OLIVEIRA, 2014, p.76).

A literatura infantil apresenta-se como um pacto diante da ludicidade que envolve os leitores, levando ao conhecimento, que desbrava horizontes em busca de novas sensações. De acordo com Coelho (1993, p.14), “é ao livro, palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens”.

Nas obras literárias como romances, contos, poemas, é que a imaginação do autor como a do leitor acaba se completando. Um livro só ganha vida no momento que alguém abre suas páginas para descobrir o mundo que está ali dentro. Transformar as crianças em leitores nem sempre é tarefa fácil, elas precisam saber como ler, como desfrutar o momento da leitura e como conseguir transmitir aos outros os elementos da história, é um trabalho de interpretação (ABRAMOVICH, 1995).

Ao formar novos leitores há a necessidade de transformá-los em novos sujeitos dispostos a encarar as diferenças e a pluralidade com dignidade e respeito, considerando que cada ser humano tem suas particularidades, observando o que realmente faz sentido para as crianças, e contribuir para que haja uma formação que considera a história e a cultura do outro tão importante quanto a sua própria história.

2.3 VALORIZAÇÃO DA PLURALIDADE CULTURAL

O Brasil é um país com uma imensa área territorial fazendo com que muitos imigrantes vindos de outros países se estabeleçam aqui, isto quer dizer que a representação da diversidade está presente em todas as regiões, integrando diferentes tradições, modos de pensar, de agir e de se expressar. O estudo da pluralidade está em conhecer a origem do povo, seus costumes, a língua, pode-se aprender sobre as nações passadas e como se relacionavam entre si, isso influencia muito nos dias atuais.

A valorização da pluralidade cultural é a riqueza das relações estabelecidas pelas diferentes culturas, e isso deve ser enfatizado nas histórias infantis, levantando questionamentos do porque não misturar índios, negros e brancos no mesmo espaço? Compartilhando aventuras, num tom de harmonia, cada qual enfrentando os seus problemas, mas juntos formando novos comportamentos e reforçando os vínculos,

consolidando o espírito democrático, mudando a maneira de olhar para aqueles que foram historicamente injustiçados (BRASIL, 1988).

Essa temática tem a intenção de promover o desenvolvimento de valores como o respeito e a valorização da cultura brasileira, entendendo que as misturas de várias etnias contribuem para a formação do povo que somos hoje, destacando a importância da história que constitui o território nacional. Essa história deve ser apresentada às crianças, pois estão cercadas de significados que vão além das características físicas que elas apresentam (BRASIL, 1998).

Ao trabalhar com a pluralidade cultural na Educação infantil, o senso crítico nas crianças é estimulado, o envolvimento com o próximo ganha destaque, e também serve para refletir na realidade em que vivem. Essa promoção do tema gera a valorização do outro, e ao se falar em diferenças configura-se respeito às características próprias de cada indivíduo. Desta forma, é muito importante e positivo, que a criança possa observar em seu entorno todas as nuances presentes, considerando que há diferenças e isso é normal.

Essa ideia leva-nos a pensar que:

[...] a diversidade, assim como a desigualdade, são manifestações normais dos seres humanos, dos fatos sociais, das culturas e das respostas dos indivíduos frente à educação nas salas de aula. A diversidade poderá aparecer mais ou menos acentuada, mas é tão normal quanto a própria vida, e devemos acostumar-nos a viver com ela e a trabalhar a partir dela. A heterogeneidade existe nas escolas, dentro delas e também nas salas de aula porque existe na vida social externa. A educação também é causa de diferenças ou da acentuação de algumas delas. Nós, professores e professoras, participamos da diversificação e da homogeneização, da equiparação e da desigualdade. (SACRISTÁN, 2002, p. 15).

A pluralidade cultural pode ser usada como ligação para o trabalho interdisciplinar nas escolas, pois ao ensinar sobre os povos, observa-se uma variedade de aspectos enriquecedores para o conhecimento de mundo da criança. As comidas típicas, as danças, a língua e a posição geográfica do país estudado, tudo isso, traz oportunidades interessantes para a ampliação das aprendizagens dos alunos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O artigo está ancorado em uma pesquisa bibliográfica onde há o levantamento do referencial já editado em relação à temática, livros, monografias, publicações avulsas documentos eletrônicos. Foram examinados os documentos oficiais do MEC: Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Comum Curricular.

A pesquisa teve como referência, um Centro de Educação Infantil de Brusque-SC, os dados foram coletados a partir da identificação dos livros infantis, que fazem parte do acervo da escola e que enfatizam a valorização da pluralidade cultural. A análise é de caráter qualitativo, usado como critério, aspectos considerados relevantes para o alcance do objetivo proposto, tais como: alusão a diferentes culturas e etnias. Dessa forma compreender os processos vividos na Educação Infantil.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Iniciou-se com a análise documental da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil que traz em seu contexto um campo de experiência intitulado: “eu, o outro e o nós”, que apresenta como direito de aprendizagem, a convivência com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas e ainda se conhecer, e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2018).

Em 2019 a BNCC, será efetivada na rede pública de ensino. Diante disso, pode-se observar que a Pluralidade Cultural deve estar envolvida nos currículos e nos diálogos escolares, que deve haver o comprometimento dos professores, pois, os campos de experiência devem constituir um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

A pluralidade cultural é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nas escolas o documento faz referência ao respeito a diferentes grupos étnicos e culturas que compõem a população do Brasil. A convivência entre os grupos e a valorização da cultura e do regionalismo são assuntos que devem ser explorados na sala de aula. Desse modo a pluralidade cultural descrita por Paula e Fernandes (2016, p.233), “indica um acúmulo de experiências humanas, que é patrimônio de todos os indivíduos”, como patrimônio merece ser cuidado e avaliado para que não se perca com o passar do tempo.

Possibilitando as crianças diversas formas de conhecimento se espera que os conteúdos propostos para o estudo da pluralidade cultural, sejam de relevância sociocultural ressaltando a importância de fornecer informações que permitam conhecer a ampla diversidade, e divulgar as contribuições das diferentes culturas em nosso país, eliminando os conceitos culturalmente disseminados de forma errada, possibilitando o desenvolvimento de valores básicos para a cidadania (BRASIL,1988).

No que diz respeito ao estudo realizado, num Centro de Educação Infantil abordado como referência, foi observado que, não possui uma biblioteca, seu acervo literário fica exposto em uma estante fixada na sala de vídeo. Ao todo são aproximadamente 540 livros, não se pode saber ao certo a quantidade, pois, algumas devoluções não são feitas pelas professoras depois de usarem em suas aulas. Desse acervo podemos citar alguns exemplares que fazem alusão a Pluralidade Cultural.

Nem todas as girafas são iguais*, escrito por Márcia Honora, que trata da história de uma girafa que não tinha a mesma altura das outras e mesmo assim tinha o sonho de ser jogadora de basquete.

O livro ***O Patinho Feio*** escrito por Hans Christian Andersen é um dos clássicos da literatura infantil, em seu texto apresenta conceitos sobre ser belo e ser feio, isso leva a reflexão de que cada um é diferente dentro do contexto em que vive, a criança costuma gostar muito desse livro.

A resenha do livro ***Com quem será que me pareço?*** Conta que, toda criança, às vezes, se sente meio diferente. Nessas horas, ela se pergunta - 'Será que existe alguém parecido comigo? Georgina Martins leva a questão para o zoológico da cidade. Ali, são

os bichos que olham o mundo em torno de si e buscam semelhanças que os ajudem a formar sua identidade.

André Neves é escritor e ilustrador premiado, ganhou o Prêmio Jabuti, Prêmio Açorianos, dentre outros. Seu livro **Obax** (palavra africana que significa “flor”) surgiu de suas pesquisas sobre a África. Obax é uma menina sensível, mas de poucos amigos. Um dia vê uma chuva de flores e resolve contar a respeito, porém ninguém acredita que sua história seja verdadeira. A pequena aventureira decide, então, provar que essa chuva existe. A arte presente nas belíssimas ilustrações remete aos costumes das comunidades locais. A aridez e o colorido da África ganham leveza e delicadeza.

Eu não sou como os outros é um livro que de maneira delicada e cheia de humor, fala sobre como é legal ser você mesmo, quem escreveu foi Janik Coat, traduzido por Tatiana Belink.

Como é bonito o pé de Igor traz como personagem principal um menino negro, que conforme crescia seu pé continuava bonito, este livro foi escrito por Sonia Rosa e as ilustrações são de Luna.

Na ***história do lobo de todas as cores***, se descobre que existem lobos das mais diferentes cores e que a maioria deles gosta de passar despercebido numa página de livro, percebe-se então que o lobo não precisa ser necessariamente da cor preta. Com a autoria de Meneer Zee.

Anton e as meninas escrito por Ole Konnecke conta que, Anton chega ao tanque de areia querendo impressionar as meninas. Só que elas nem dão bola, porque não gostam de gente exibida. Mas, quando ele mostra sua fragilidade, elas o tratam com carinho.

Nem sempre posso ouvir vocês, é um livro de Joy Zelonky, que conta sobre a menina Kim que usava um aparelho auditivo e por isso se sentia diferente dos outros. O professor pode trabalhar a inclusão de pessoas com deficiência ao contar essa história.

Brasil terra de todas as cores de Patrícia Engel Secco apresenta a diversidade cultural e natural do nosso país a partir das 12 cidades-sede da Copa do Mundo de 2014.

Com base nos dados coletados, através dos livros existentes num Centro de Educação Infantil, pode-se perceber que, são poucos os livros que servem como estratégia para a valorização da pluralidade cultural. Observou-se que na escola há

escassez de literatura infantil que envolve essa temática, apresentando em seu acervo apenas dois (2) livros onde os negros são protagonistas das histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias de hoje é necessário não somente ensinar as crianças a valorizar as diferenças étnicas e socioeconômicas, mas é de fundamental importância que os professores ensinem as crianças a vivenciá-las. Propiciando momentos em que os alunos se sintam à vontade para expressar seus pensamentos. É através da observação que o professor pode avaliar seus alunos e usar estratégias que o auxiliam na compreensão dos valores como ética, respeito, igualdade, minimizando a promoção dos padrões estereotipados que ainda circulam na sociedade.

A literatura infantil está surgindo com uma abordagem dinâmica, busca trazer para os pequenos leitores uma pluralidade de ideias, de características que diferem de alguns contos de fadas tradicionais. Conforme o número de leitores vai crescendo, há essa preocupação em contar histórias de outros povos, e como eles influenciaram na miscigenação do povo brasileiro. A cultura africana vem ganhando destaque entre os principais escritores das histórias para crianças. Isso porque, novos tempos pedem novas posturas e diante da riqueza da diversidade cultural percebeu-se a necessidade de enfatizá-la e a escola é o lugar onde isso pode acontecer com frequência.

A pesquisa permitiu comprovar que há escassez de livros que valorizam as diferenças, relacionadas a cor da pele, aos costumes e hábitos de outros povos nas bibliotecas escolares. Proporcionou uma reflexão e contextualizou a importância da literatura no processo de ensino aprendizagem e na construção do sujeito como um ser ético e social, pois é no meio escolar que as crianças, aprendem que a vida é um processo de relações que acontecem entre diferentes sujeitos.

O professor como mediador dos processos educativos, faz uso da literatura infantil para dar consistência ao tema que deseja apresentar as crianças, neste caso diante da escassez de livros sobre a pluralidade, ele pode utilizar outros que estarão disponíveis, mas fazendo com que o aluno perceba que muitos livros não revelam o mundo real, que

há uma infinidade de livros e cada um conta uma história que pode ou não fazer parte de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BETTELHEIM, Brun. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 3ª ed. trad. Arlete Caeto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. BNCC. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil**. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 15 nov.2018.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação**. São Paulo: Paulus, 2002.

DEBUS, Eliane. **Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Ática, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne. **História e narração em Walter Benjamin**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GREGORIN Filho, José Nicolau. **Literatura infantil: múltipla linguagem na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramento, 2009.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.

MEIRELES, Cecília. 1901-1904. **Problemas da literatura infantil**. Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Márcio de. **Em torno da literatura infantil: Possibilidades de quebra de estereótipos.** In: Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá. 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7494387-Em-torno-da-literaturainfantil-possibilidades-de-quebra-de-estereotipos.html>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

OLIVEIRA, A. P.C.; ROLINSKI, A.A.; UJIIE, N.T. O livro infantil como manifestação de um pensamento sensível: uma proposta de prática de leitura com crianças. In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 6. 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, UNISUL, 2014. p. 76-77.

FERNANDES, C. R. D.; PAULA, F. F. 2015. **Literatura, infância e o projeto: Literatura em Minha Casa.** Revista Teias, 16(41), p. 72-88. 2015.

SACRISTÁN, José Ginemo. **A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas.** In: ALCUDIA, R. et al. Atenção à Diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira.** Rio de Janeiro. Objetiva, 2005.